

Censo **SBOC** da Oncologia Clínica

Conhecendo mais de perto o oncologista clínico
brasileiro para representá-lo ainda melhor

SBOC

SOCIEDADE
BRASILEIRA
DE ONCOLOGIA
CLÍNICA

Datafolha

INSTITUTO DE PESQUISAS



ÍNDICE

Apresentação	3
Metodologia	4
Quem somos	5
Somos plurais, mas com características predominantes	6
Onde estamos	7
De onde viemos	9
Com que recursos enfrentamos o câncer	10
Os desafios que enfrentamos	11
Para onde vamos	13

Apresentação

A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC), em parceria com o Instituto Datafolha, realizou em 2023 o primeiro Censo SBOC da Oncologia Clínica. Esta grande pesquisa quanti-qualitativa contou com a participação de 761 oncologistas clínicos associados à SBOC e com atuação em mais de 200 municípios de todas as regiões do Brasil.

Por meio de um grande esforço coletivo foram coletadas diversas informações que revelam o perfil médio dos oncologistas clínicos: gênero, faixa etária, etnia, orientação sexual, formação acadêmica, titulação, perfil de pacientes atendidos, participação em pesquisas clínicas, epidemiológicas ou translacionais.

Outros aspectos abordados pelo Censo são nível de satisfação profissional, estresse e os principais desafios da prática oncológica no Brasil, como a percepção que eles têm acerca da adesão da população a programas de prevenção e tratamento, o cenário dos diagnósticos tardios, o acesso a novos medicamentos, financiamento e gestão dos sistemas de saúde.

Os dados reunidos nesta pesquisa desempenharão um papel fundamental no direcionamento da SBOC. A intenção é alinhar ações de forma ainda mais precisa para atender às demandas e às necessidades específicas dos oncologistas, contribuindo assim para o fortalecimento da especialidade.



Metodologia

PERÍODO

As entrevistas foram realizadas entre os dias **26/05 e 31/07/2023**. O tempo de aplicação do questionário foi de cerca de **20 minutos**

TÉCNICA

Pesquisa quanti-qualitativa com **abordagem on-line** dos entrevistados, através de lista fornecida pela SBOC

UNIVERSO

médicos oncologistas clínicos associados à SBOC

ABRANGÊNCIA

nacional, incluindo regiões metropolitanas e cidades do interior

MARGEM DE ERRO

A margem de erro para o total da amostra é de **4 pontos** para mais ou para menos, considerando um intervalo de **confiança de 95%**

Quem somos?

Se a oncologia clínica brasileira tivesse um rosto a ser representado pela maioria dos médicos que a exercem, ele seria o de uma pessoa branca, aparentando pouco mais de 40 anos de idade e com um sorriso de quem está satisfeito com a carreira que escolheu na medicina, embora estressado. Homem ou mulher. Isso porque, de acordo com o Censo SBOC da Oncologia Clínica,

pesquisa de abrangência nacional conduzida pelo Instituto Datafolha entre maio a junho de 2023, a especialidade alcançou a paridade de gênero, com as mulheres representando 50% dos seus profissionais; mas ainda há desigualdade no quesito cor, com 81% de brancos, 16% de pardos, 2% de amarelos e 1% de pretos. A maioria (65%) satisfeita com a especialidade.





Somos plurais, mas com características predominantes

Ao se aplicar um zoom sobre os dados, percebe-se uma diferença etária entre os oncologistas clínicos homens e mulheres: 55% delas têm menos de 39 anos, enquanto que 34% deles têm idade média de 46 anos.

Em relação à orientação sexual, 94% se declaram heterossexuais, 4% gays, 1% lésbicas, e outro 1%, bissexuais.

FILHOS

67% TÊM filhos	21%	1 filho
	34%	2 filhos
	12%	3 filhos ou mais

ESTADO CONJUGAL

Casado(a) ou união estável com pessoa de outro gênero	77
Solteiro(a)	14
Divorciado(a) / Separado(a)	5
Casado(a) ou união estável com pessoa do mesmo gênero	3
Viúvo(a)	1

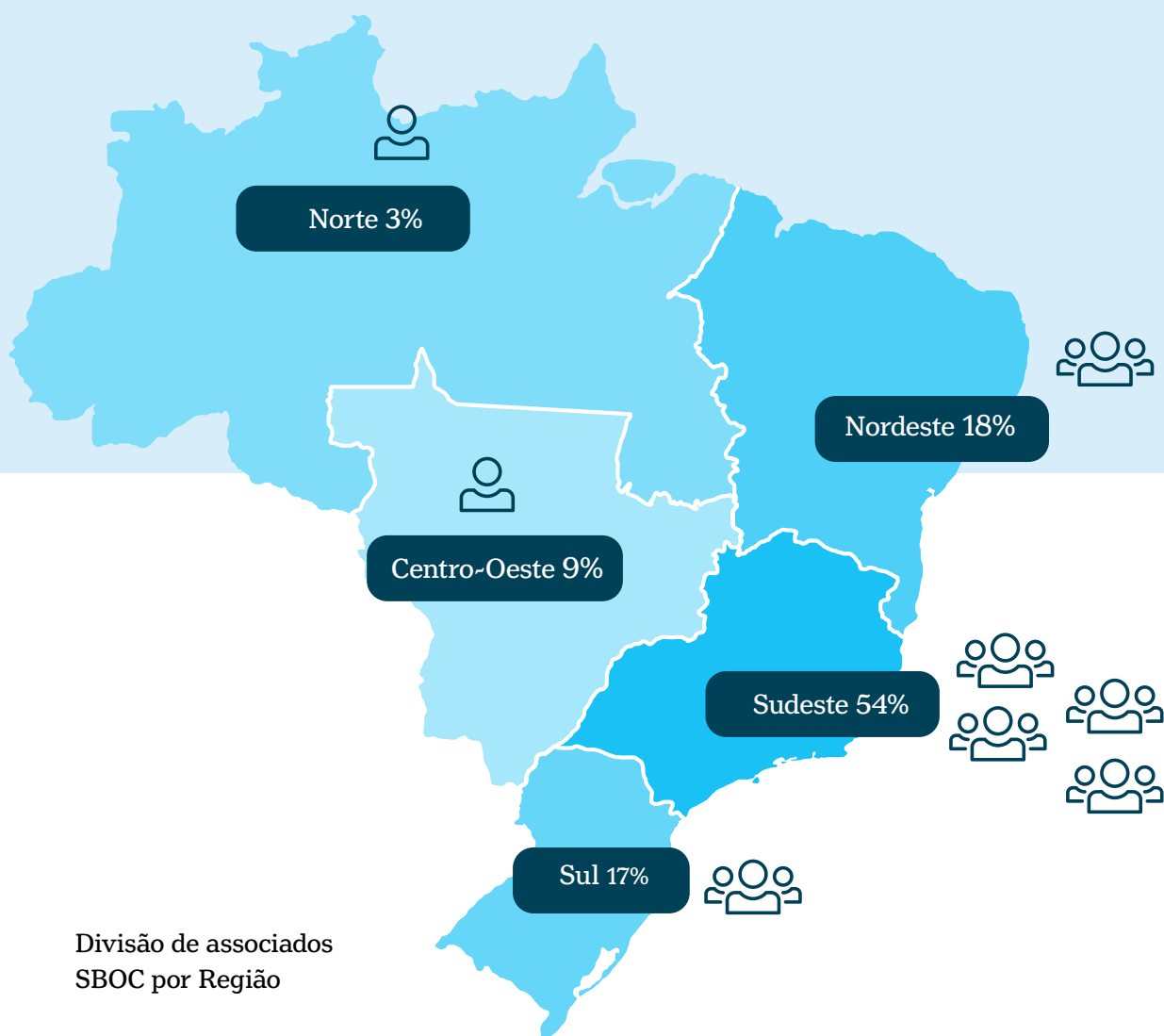
Os dados sobre gênero, idade, cor, orientação sexual, são descortina-
dos enquanto a SBOC se prepara ainda mais para lidar com a plura-
lidade dos profissionais que representa. Em 2023, foram criados os
comitês de Diversidade, de Jovens Oncologistas, de SUS e Práticas
Independentes, elevando para 22 a quantidade de Comitês SBOC, dos
quais participam 107 associados de dez estados brasileiros. Todos
esses esforços têm o objetivo de tornar a oncologia clínica brasileira
ainda mais diversa, democrática e representativa.



Onde estamos?

Mais da metade dos associados entrevistados estão no Sudeste (54%), enquanto o Nordeste tem 18% deles, seguido pelo Sul (17%), Centro-oeste (9%) e Norte (3%). Os dados corroboram com os dos associados da SBOC e os achados da edição de 2023 da Demografia Médica no Brasil, realizada pela Associação Médica Brasileira (AMB), à qual a SBOC é filiada, e que apontam para desigualdades

regionais na proporção entre médicos (de diversas especialidades) e habitantes. A região Sudeste apresenta 3,39 profissionais por mil habitantes, seguida do Centro-Oeste (3,10) e do Sul (2,95). A região Norte registra menos da metade da densidade de médicos do Sudeste, com 1,45 profissionais por mil habitantes, e o Nordeste possui um pouco mais que isso, com 1,93.



A maioria desses profissionais (70%) mora em capitais e regiões metropolitanas, enquanto 29% estão no interior do país - diferença que, se avaliados os dados da edição de 2023 da Demografia Médica no Brasil, tende a diminuir: quase metade dos médicos formados entre 2009 e 2019 permaneceu ou se deslocou para o interior após a conclusão da graduação.

Enquanto isso, a realidade atual da oncologia clínica brasileira se equipara à da medicina em geral. Ainda de acordo com a última edição da Demografia Médica no Brasil, persiste o forte poder de atração exercido pelas capitais, que, em

2022, concentravam quase três vezes mais profissionais do que o conjunto de cidades do interior.

Quanto ao ambiente de trabalho, a maioria dos oncologistas clínicos associados à SBOC atua predominantemente no setor privado, com 38% somente nesse segmento e 32% também na rede pública, embora atuem principalmente na rede particular. Na iniciativa privada, 90% atuam como pessoa jurídica (PJ), enquanto, no serviço público, 50% são contratados ou atuam nessa categoria, 26% sob regime de CLT e 14% de estatutários.

CIDADES ONDE ATUA

- São Paulo/ SP **19%**
- Rio de Janeiro/ RJ **8%**
- Belo Horizonte/ MG **6%**
- Porto Alegre/ RS **6%**
- Brasília/ DF **4%**
- Recife/ PE **4%**
- Salvador/ BA **4%**
- Fortaleza/ CE **3%**
- Campinas/ SP **3%**
- Curitiba/ PR **3%**
- Ribeirão Preto/ SP **2%**
- São José dos Campos/ SP **2%**
- Goiânia/ GO **2%**
- Aracaju/ SE **2%**
- Outras **34%**

SOBRE O ATENDIMENTO MÉDICO EM ONCOLOGIA:

- **49%** atuam somente como oncologista clínico geral
- **35%** como oncologista clínico geral e subespecialidade
- **16%** se dedicam somente em subespecialidades



De onde viemos

No que se refere à formação, a maioria expressiva (63%) se graduou em universidades públicas, com 89% tendo concluído a residência médica, enquanto 11% optaram por buscar especialização em oncologia clínica.

Em termos de prática profissional, 49% dos oncologistas clínicos atuam como profissionais generalistas, 16% concentram-se exclusivamente em suas subespecialidades e 35% se dividem entre ambas as áreas.

Além da SBOC, 47% são associados também à Sociedade Americana de Oncologia Clínica (ASCO) e 44% à Sociedade Europeia de Oncologia Médica (ESMO)

TITULAÇÃO EM ONCOLOGIA CLÍNICA

Do total de entrevistados, 60% têm titulação em oncologia clínica, sendo que desses

71%
são homens

49%
São mulheres

40% não possuem título

EXPERIÊNCIAS NACIONAIS E NO EXTERIOR

25% Já atuaram em outros estados brasileiros que não o atual

22% Já tiveram experiência em outros países

FORMAÇÃO SUPERIOR



89% fez residência médica



11% especializou-se em Oncologia Clínica



63% universidade pública

37% universidade privada

Com que recursos enfrentamos o câncer

O oncologista clínico brasileiro lida com o enfrentamento do câncer de formas distintas a depender de onde atua.

Na rede pública, 65% relataram ter acesso irrestrito à tecnologia de radioterapia e 57% à cirurgia oncológica.

SUS:

- **36%** dos oncologistas têm acesso parcial a novas tecnologias
- **44%** as obtêm apenas por meio de judicialização

Rede particular:

- **58%** dos oncologistas têm acesso parcial a novas tecnologias
- **2%** as obtêm apenas por meio de judicialização



Os desafios que enfrentamos

Cada paciente enfrenta o câncer de forma distinta, e não é diferente com o oncologista que o conduz ao longo dessa árdua jornada - mas desafios em comum foram identificados pelo Censo SBOC: dificuldades no acesso a novos medicamentos (citadas por 54%) e os altos custos de tratamentos (citados por 46%) emergem como obstáculos prementes.

- ✓ **54%** Dificuldade no acesso a novos tratamentos
- ✓ **46%** Altos custos dos tratamentos e/ou medicamentos
- ✓ **36%** Subfinanciamento e/ou gestão ineficiente dos sistemas de saúde com foco no tratamento oncológico
- ✓ **31%** Diagnósticos tardios
- ✓ **30%** Excesso de demandas via WhatsApp
- ✓ **21%** Deficiência na incorporação de novas tecnologias
- ✓ **20%** Falta de estrutura adequada para oferecer tratamento humanizado, integral e individualizado
- ✓ **19%** Deficiência no acesso e qualidade dos exames
- ✓ **15%** Burocracia/Demora na aprovação de protocolos regulatórios de pesquisas clínica
- ✓ **5%** Falta de campanhas e/ou programas eficientes de conscientização e prevenção
- ✓ **5%** Lentidão no tratamento e acompanhamento dos pacientes
- ✓ **5%** Baixa adesão populacional aos programas de prevenção e tratamento



Ao mesmo tempo, há diferenças notáveis nas experiências dos profissionais a depender do seu ambiente de atuação.

E, apesar da já citada alta satisfação global com a carreira, 55% dos oncologistas relatam experimentar níveis de estresse em sua atuação profissional. A problemática é mais acentuada entre as mulheres: 50% dos homens oncologistas relatam estresse em suas atuações, enquanto o número é de 60% entre elas.

Os dados sobre a saúde mental dos oncologistas clínicos brasileiros ainda precisam ser

aprofundados, dada a subjetividade do tema, mas a literatura científica aponta para um cenário preocupante quando se tratam de profissionais da oncologia em outros países com realidades menos desafiadoras do ponto de vista do acesso a tecnologias e melhores condições de trabalho. De acordo com a pesquisa Medscape National Physician Burnout and Suicide Report, 42% dos oncologistas clínicos nos Estados Unidos relataram, em 2019, sofrer de síndrome de do esgotamento profissional, o burnout, sendo que 18% estão deprimidos e 22% já tiveram ideias suicidas.



O excesso de demanda por WhatsApp, uma realidade contemporânea e desafiadora, é mais citado entre os profissionais mais ou exclusivamente dedicados à rede pública (18%) em comparação com aqueles ligados integral ou majoritariamente ao serviço particular (35%).

DIAGNÓSTICOS TARDIOS COMO UM OBSTÁCULO:

- 42%** para aqueles que atuam no serviço público (integralmente ou na maior parte do tempo)
- 26%** para os que atuam majoritariamente ou exclusivamente no serviço privado



Principais resultados



70% moram em capitais e
regiões metropolitanas



50% são homens e
50% são mulheres



63% são formados em
universidades públicas



55% dos oncologistas estão
estressados com sua atuação
em oncologia



65% dos profissionais estão
satisfeitos com sua carreira
médica em oncologia



45% dos médicos que se
dedicam exclusivamente a
subespecialidades câncer de
mama



54% citaram a dificuldades
no acesso a novos
medicamentos como principal
desafio



90% atuam na categoria de
PJ (Pessoa Jurídica) na iniciativa
privada e 50% atuam no mesmo
regime no serviço público

Para onde vamos

Dr. Carlos Gil Ferreira



A jornada do oncologista clínico brasileiro, seja na rede pública ou privada, é atravessada por dores e alegrias que cada um de nós conhece bem, mas que, com o Censo SBOC, são descortinadas de forma ainda mais ampla, na riqueza de sua diversidade.

De posse desse conhecimento tão rico, é evidenciada nossa responsabilidade de fortalecer o profissional que representamos. Estamos cada vez mais unidos em nossas diferenças e apoiados uns nos outros naquilo que temos de mais nobre: nossa determinação em enfrentar o câncer junto aos nossos pacientes e seus familiares.

A SBOC já prepara uma série de ações que derivam dos achados do Censo, voltadas aos oncologistas clínicos brasileiros, aos gestores da saúde, aos tomadores de decisões – enfim, a toda a rede que impacta a atuação profissional daqueles que estão na linha de frente do controle do câncer em todo o território nacional. Também a diversidade da população brasileira será cada vez mais contemplada em nossas ações, para que todo cidadão e profissional seja devidamente acolhido pela oncologia clínica nacional, sem distinção de cor, origem territorial e social, gênero ou orientação sexual.

Sigamos juntos e cada vez mais conscientes de quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

SBOC

SOCIEDADE
BRASILEIRA
DE ONCOLOGIA
CLÍNICA

Datafolha
INSTITUTO DE PESQUISAS

CRÉDITOS

Organização do Censo SBOC da Oncologia Clínica

Dr. Carlos Gil Ferreira

Dra. Alina Lauda Freitas Chaves

Prof. Dr. Paulo M. Hoff

Dra. Maria Ignez Freitas Melro Braghiroli

Dra. Marisa Madi

SBOC - Gestão 2023

Presidente:

Dr. Carlos Gil Ferreira

Presidente Eleita:

Dra. Anelisa Kruschewsky Coutinho Araújo

Presidente de Honra:

Prof. Dr. Paulo M. Hoff

Diretoria:

Dr. Alexandre Andrade dos Anjos Jácome

Dra. Aline Lauda Freitas Chaves

Dra. Andréia Cristina de Melo

Dra. Angélica Nogueira Rodrigues

Dra. Clarissa Baldotto

Dra. Daniela Rosa

Dr. Duílio Rocha Filho

Dra. Maria Ignez Freitas Melro Braghiroli

Dra. Mariana Tosello Lalon

Conselho Fiscal:

Dr. Diogo Bastos

Dr. Fábio André Franke

Dr. Fernando Meton

Edição e texto:

Lucas Bonanno, Guilherme Almeida,

Vinícius Maurício de Lima e Diego Freire

Diagramação e arte:

Agência RS